

aos meus amigos, velhos e novos

Recebi muitas cartas enquanto estive na prisão e, desde então, tem sido quase impossível responder cada uma separadamente.¹ Então usarei do único meio de comunicação que tenho, o *MOTHER EARTH*, para escrever a todos, amigos leais e queridos.

Sei que estão bastante ansiosos para saber como me sai na penitenciária de Queens County e se fui “reformada”. Tentarei meu melhor para lhes passar minhas impressões num espaço limitado. No encontro no Carnegie Hall², em 5 de maio, disse: “Sou grata às autoridades de Nova York por terem me enviado à prisão”. Pode parecer uma mera frase de efeito, mas a digo seriamente. E digo o mesmo agora. Estou profundamente grata às autoridades da cidade de Nova York.

Em primeiro lugar, meu aprisionamento fez progredir nossa causa mais do que qualquer coisa que eu pudesse ter feito andando pelo país em um ano todo palestrando a grandes plateias. Essa oportunidade trouxe à baila muitas pessoas; gente que eu não conhecia e de quem nunca tinha ouvido falar. Assim, em vez de chegar a uns poucos, estamos agora aptos a alcançar milhares de homens e mulheres para os quais informações sobre o Controle de Natalidade têm se tornado uma necessidade e que estão conosco em nossa luta para romper com a conspiração do silêncio.

Em segundo lugar, meu aprisionamento levou-me a entrar em contato com vítimas sociais, a quem a sociedade

primeiramente leva ao crime e depois esconde atrás de grades para apaziguar suas consciências. Quais são os crimes cometidos pelos meus colegas de prisão e todos aqueles que enchem as prisões dos Estados Unidos? Pobreza e ignorância. “A pobreza é o maior crime”, disse George Bernard Shaw em *Major Barbara*.³ Quem pode negar? Apenas aqueles que não o veem, e que preferem manter-se cegos e entre cegos.

Desejo mencionar alguns casos para provar que a pobreza e a ignorância, e nada mais, constroem os criminosos.

Uma mulher, mãe de um bebê de um ano e oito meses, trabalha como camareira em um hotel. Ela é nova e bonita. Ela é cheia de alegria de viver. Ela vê outras mulheres vestidas com roupas deslumbrantes enquanto ela não tem como comprar nem as coisas mais baratas possíveis. Ela pega uma saia de uma loja. Por isso, ficará presa, sob uma sentença indeterminada⁴, pelo período de um mês a um ano.

Ah, a crueldade da sentença indeterminada! Apenas uma mente seca apodrecida como a de Katherine B. Davis poderia conceber lei como esta, que sujeita o prisioneiro, seu corpo e alma, à mercê das autoridades da prisão e da liberdade condicional, e mina sua saúde e espírito pelo medo e incerteza constantes.

Outra é a criminosa, sem saúde e desempregada, que afana uma carteira na igreja e é levada pelo dono da bolsa ao tribunal. Ela está doente e miserável para enfrentar seu caso, e não tem dinheiro para pagar um advogado. Trêmula e enferma, está diante da justiça, que pronuncia de forma rotineira: “Seis meses de trabalhos forçados.” Neste caso, a vítima de tal injustiça é sofisticada, sensível

e consciente. É uma mulher que sempre teve suporte, que sempre sustentou seu orgulho e autorrespeito. O que a prisão faz com ela? Esmaga-a de forma absoluta e a torna incapaz de ter um lugar no mundo. Que ironia a justiça!

Num outro caso, uma menina de dezenove anos de idade. Aos dezesseis, idade mais gloriosa e misteriosa das idades, sua “amável” mãe a coloca no Reformatório de Bedford⁵, pois ela era “rebelde e indisciplinada”. Como essa mãe ignorante pode saber que esse estágio da adolescência é o despertar de uma primavera — tempo em que a natureza em toda a sua despreocupação e selvageria busca expressão, como um vulcão em erupção? Ela não foi informada por sua mãe e, portanto, não entende sua filha. A jovem menina é colocada em um reformatório. Neste caso, a escola preparatória para o vício e o crime. Após um longo período nessa instituição medonha, a menina é autorizada a sair em liberdade condicional. Está preparada para nada menos do que a rua e, como é jovem e bonita, encontra braços dispostos a recebê-la. Pouco depois é pega novamente, passando um ano na penitenciária. Quando sua pena terminar, ela provavelmente retornará ao Reformatório de Bedford, lugar que originalmente a arruinou.

Temos também o caso de Katherine. Apenas um Dickens, um Victor Hugo ou um Dostoiévski poderia descrever adequadamente o *pathos* desse caso. Katherine foi um burro de carga por toda a sua vida. Ela não precisava dizer, pois aparentava, em cada pedaço seu. Burro de carga que serviu por toda a sua vida. Por 29 anos Katherine sonhou com Nova York. Ah, se ela pudesse chegar nessa cidade mágica, Nova York! Mas ela é um burro de carga e tem duas crianças para sustentar. Como realizaria seu

sonho? Ainda assim, ela continua sonhando e, pelo que sei, foi esse sonho que coloriu um pouco sua vida infeliz.

De repente acontece o milagre dos milagres. Katherine ganha uma grande fortuna — 100 dólares de seguro por conta de um acidente. Vinte dólares deixou com os filhos e, com outros vinte, Katherine vai para Nova York, munida apenas do endereço de uma pessoa em Yonkers. Quando chega, vai a um café à beira-mar e lá é levada a um quarto barato dentro de um salão. No domingo, com alegria no coração e o êxtase por estar na cidade mágica, Katherine volta ao café, onde come e toma um ou dois drinques, indiferente aos outros homens sentados no mesmo local. Ela volta ao seu quarto e começa a contar seu grande capital de 41 dólares. De repente, a porta de seu quarto é arrombada e alguém rouba seu dinheiro. Katherine grita e corre atrás do homem, quando é jogada escada abaixo. Após um longo tempo (deve ter parecido realmente longo para Katherine) ela volta a si e se encontra em uma poça de sangue causada por um corte na testa. Ela havia esquecido seu sonho de 29 anos e até mesmo a perda de seus 41 dólares quando se esforçava para escalar os degraus em direção a seu quarto. Lá ela permanece por uma semana, apenas com a “gentil proprietária” aliviando sua desventura com compressas geladas para sua cabeça e alguma comida miserável para sustentar sua enfraquecida condição.

Após uma semana, Katherine está em pé novamente. Um burro de carga não está acostumado a descansar, mesmo se estiver perto da morte. Ela volta às ruas da cidade mágica num péssimo estado, para fazer seu caminho rumo ao Yonkers. Após andar muitas milhas ela chega a um terreno vazio, com fome e fadiga, e toma uma bebida para ter forças para continuar. Porém, adormece.

De repente, sente uma dor ardente na sola de seus pés e olha para os turvos olhos de um policial. Katherine é presa por vadiagem e embriaguez, e permanece por dezesseis dias numa casa de correção. Este é o final do sonho de 29 anos de Katherine em Nova York. Que material trágico e cruel para uma caneta ou para um pincel! Mas o que a sociedade faz com Katherine? A sociedade a joga em um monte de estrume chamado prisão. Não há imaginação e nem humanidade o suficiente para perceber que o crime de Katherine era apenas a pobreza? E como os pobres se atrevem a sonhar?

Por último, mas não menos importante, temos centenas de vítimas de drogas que, graças à nova lei, são apanhados toda semana.⁶ Subitamente são violentamente impedidos de manter seus hábitos, sendo jogados na prisão por muitos meses. Lá, ficam subnutridos e incapazes de lutar contra a louca abstinência que sequer têm forças ou vitalidade para superar. Conforme o tempo passa, sua saúde se debilita; sua vontade, nunca muito forte, é completamente destruída. Eles não podem sustentar sua existência sem conseguir algum estimulante, então retornam ao uso.

Todos esses párias humanos encontram portas fechadas em seu retorno à sociedade. Se não são apanhados pela polícia de imediato, serão em pouco tempo e, novamente, encontrarão as portas abertas da prisão que se fecharão sobre eles.

Afinal, o que as autoridades de Nova York e outras cidades fazem sem esses criminosos? O que farão o Departamento de Polícia, a Corte, o promotor? Todos eles prosperam sobre os que a pobreza e a ignorância conduzem ao crime. As autoridades não podem permitir que o crime

deixe de existir entre nós; então, perpetuam nosso sistema que produz o criminoso, e, hipocritamente, fingem que estão salvando o sistema desses mesmos criminosos.

De fato, me orgulho de ter ficado presa com esse infeliz material humano. Encontrei entre eles um espírito de cooperação e solicitude e mais humanidade do que poderia encontrar entre aqueles que se levantam contra eles no tribunal e os condenam à prisão. Um material que, se colocado em uma sociedade sã, acabaria com o terrível desperdício humano e com toda a dor e a tragédia que são escondidas “para que Cristo veja seus irmãos como homens.”⁷

Por fim, tenho uma prova adicional — se é que são necessárias provas — de que a prisão não impede e não cura o chamado criminoso comum da necessidade de cometer crimes. O que ele pode fazer quando vê todas as portas da sociedade fechadas, sem meios de se sustentar e sem compaixão ou entendimento que o confortem? A prisão é um círculo vicioso em que o prisioneiro se move, e toda sua experiência na prisão faz com que odeie mais a sociedade. De fato, eles não têm experiência social. Já seu ódio é suficientemente perigoso para minar a tranquilidade de seus algozes.

Quanto ao efeito das prisões em criminosos como eu, queridos amigos, devo admitir que não apenas não diminuiu, como intensificou minha dedicação à nossa causa. O movimento do Controle de Natalidade continua, mais do que nunca, mesmo que uma sentença mais severa tenha sido imposta ao nosso amigo Ben Reitman do que sobre mim.⁸ Se as autoridades foram tolas o suficiente para pensar que poderiam barrar a causa impondo-me quinze dias ou dois meses a Reitman, verão que cometeram um erro, como expus no maravilhoso encontro na Union Square,

Aos meus amigos, velhos e novos

sábado, 20 de maio, onde milhares de pessoas pediam por informação sobre o Controle de Natalidade.⁹ Vocês veem, camaradas, que eu estava certa em agradecer o serviço prestado pelas autoridades de Nova York ao movimento de Controle da Natalidade.

Pela dedicação e assistência que me concederam, não tenho nem como tentar expressar o que sinto. Espero poder mostrar-lhes o que significam para mim por meio de minhas atitudes. Estou iniciando meu *tour* pelo Oeste em primeiro de junho com uma parada de dois dias em Cleveland e de um dia em Denver. Então, irei para Los Angeles, onde espero estar antes de julho. Vocês poderão enviar-me cartas para Burbank Hall, 542 S. Main Street.

O trabalho continua até que uma maternidade livre e uma infância gloriosa sejam possíveis. Nessa direção, libertaremos a humanidade e criaremos arranjos humanos que estabeleçam as condições saudáveis para uma povo saudável, bonito e livre.

Notas

¹ Emma Goldman foi liberada da penitenciária de Queens County em 4 de maio de 1916, após ser presa em 8 de fevereiro do mesmo ano por ter organizado uma conferência de quinze dias sobre o controle de natalidade no Star Casino.

² Este encontro, organizado por Ben Reitman para celebrar a libertação de Emma Goldman da prisão e discutir a questão do controle da natalidade, foi presidido por Max Eastman. Também se apresentaram Ben Reitman, Harry Weinberger, Arturo Giovannitti e Rose Pastor Stokes, que distribuiu folhetos sobre contracepção na plataforma do trem.

³ Citação do prefácio de George Bernard Shaw, “First Aid to Critics”, ao livro *John Bull’s Other Island and Major Barbara*, publicado em 1904.

⁴ “Sentença Indeterminada” (“indeterminate sentencing”) é um instrumento jurídico introduzido no sistema penal do estado de Nova Iorque, em 1889, que faculta ao juiz o poder de estabelecer um período flexível de validade da pena (por exemplo, “de três a cinco anos”). Idealizada como reformista, essa medida legal foi pensada como um meio para reduzir o encarceramento, facilitando a libertação do preso antes do teto da pena, passando-o para o regime de “liberdade condicional” ou até mesmo de finalização da pena em caso de “bom comportamento”. Nos anos 1920, 35 estados nos EUA (dos então 48 estados da União) tinham em seus códigos penais uma forma de “sentença indeterminada”. Entendida como meio para a “reforma” do condenado, essa modalidade de condenação exigiu a formação de grupo de técnicos (assistentes sociais, psicólogos) para o monitoramento constante da pessoa aprisionada, a fim de avaliar suas condições para libertação. Nos anos 1980, com a emergência das políticas de tolerância zero, as leis de flexibilização de tempo de prisão sofreram um refluxo, permanecendo em metade dos 50 estados do país [N.E.].

⁵ O Reformatório para Mulheres Bedford Hills, Nova York, foi fundado em 1901. Katherine Bement Davis foi carcereira no reformatório de 1914 a 1915.

⁶ É provável que Goldman se refira ao Harrison Act, lei federal aprovada nos EUA em 1914, que instituiu a proibição da produção, venda e uso de drogas como a cocaína e a heroína [N. E.].

⁷ Retirado de *Ballad of Reading Gaol*, de Oscar Wilde, parte 5, 3ª estrofe.

⁸ Ben Reitman foi sentenciado a dezesseis dias na penitenciária de Queens County, em 8 de maio de 1916, por distribuir panfletos sobre o controle de natalidade em uma apresentação em 23 de abril.

⁹ Emma Goldman, Anna Sloan, Leonard Abbott, Jessie Ashley e Ida Rauh Eastman falaram sobre o movimento do controle de natalidade de um palanque em meio a uma multidão na Union Square, apresentados por Bolton Hall. Jessie Ashley e Ida Rauh Eastman também leram informações sobre o controle de natalidade e numerosos voluntários, tanto no palanque como na multidão, e distribuíram os panfletos *Why and How the Poor Should Not Have Many Children* [Porque e como os pobres não podem ter muitos filhos] e venderam *What Every Girl Should Know* [O que toda garota deve saber], de Margaret Sanger, e *What Every Mother Should Know* [O que toda mãe deve saber], bem como a edição de junho de *Masses* (que incluiu o discurso de Emma Goldman em seu julgamento, em 20 de abril).